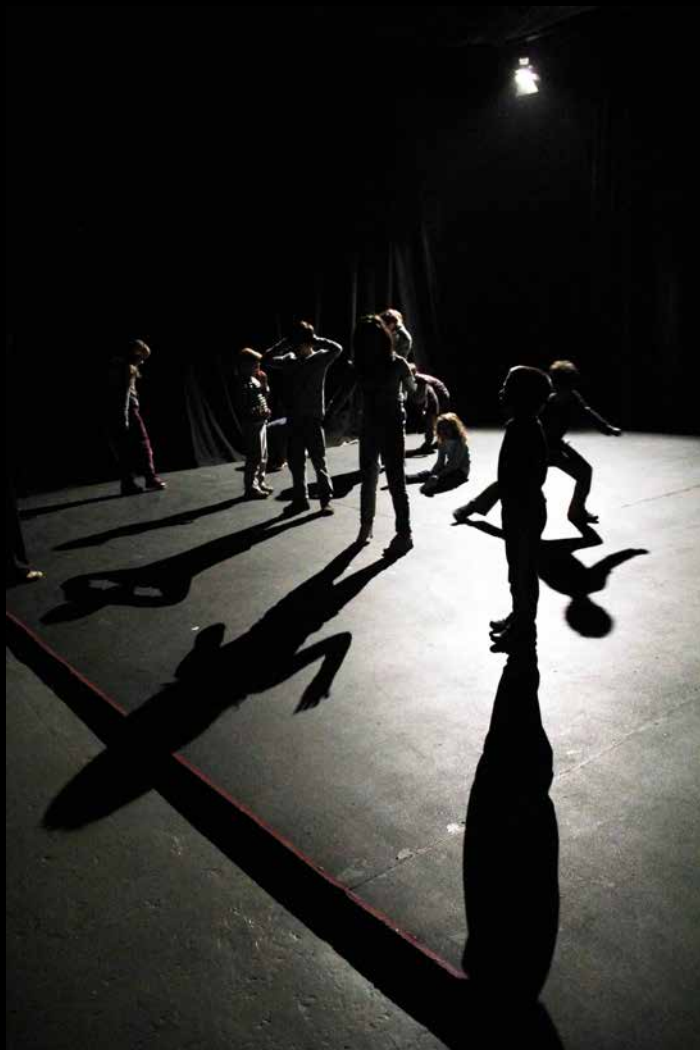


O Teatro de Sombras¹

Federica Ferrari
Juji Teatro (Gubbio – Itália)



Oficina da Fantasia, com Teatro Gioco Vita (2012). Foto de Federica Ferrari.

¹ Tradução de Adriana Aikawa da Silveira, doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



Oficina da Fantasia, com Teatro Gioco Vita (2013). Foto de Federica Ferrari.



Tararà Tararera (2012). Juji Teatro. Direção de Federica Ferrari e Paola Camerone. Foto de Giorgia Vezzani.

Resumo: O que é a sombra? Por que fazer Teatro de Sombras? Como o teatro pode continuar a desempenhar sua função político-social hoje? Este escrito parte da minha experiência de descoberta da sombra e do Teatro de Sombras, do balanço das atividades de laboratório para crianças e adultos, do percurso criativo de uma encenação, e pretende estimular reflexões em torno do papel da sombra fora e dentro do teatro, e sobre o teatro entendido como espaço pleno, como lugar de escuta, de participação e de agregação. Propõe estímulos para refletir sobre o fazer teatro, sobre o porquê e sobre os seus modos; pretende pôr no centro da análise o papel do público, focando, em particular, na criança espectadora de hoje, adulto de amanhã.

Palavras-chave: Sombra. Teatro. Criança.

Abstract: What is shadow? Why make Shadow Theater? How can theater continue to play its political-social role today? This writing starts with my experience of discovering shadow and shadow theater, from the report of children's and adults' lab activities, from the creative path of a staging, and wants to stimulate reflections about the role of shadow outside and inside theater, and on theater as a full space, as a place for listening, participation and aggregation. It proposes reflections on theater making, why and how; it wants to analyze the role of the public, focusing in particular on the child spectator today, a grown up in the future.

Keywords: Shadow. Theater. Child.

*E se a claridade é deficiente, imergimos na sombra e descobrimos a beleza que lhe é inerente.*² (TANIZAKI, 2007, p. 48).

² Tanto nesta quanto na próxima citação de Tanizaki, optei por usar a tradução do japonês ao português de Leiko Gotoda (Cia. das Letras) para evitar a tradução indireta, já que a autora do artigo cita Tanizaki em italiano (*Libro d'Ombra*. Torino: Bompiani, 2009, p. 68) [N. T.]

Passaram 17 anos desde que encontrei o Teatro de Sombras pela primeira vez, ao participar de um longo percurso formativo promovido pelo Teatro Gioco Vita de Piacenza.

Foi a revelação de uma linguagem incomum, uma viagem à descoberta de técnicas e de suas aplicações em um contexto teatral, mas, principalmente, como sempre acontece quando nos confrontamos com a sombra, foi uma viagem interior, foi como passar entre a luz e o escuro, atravessar um lugar onde o indefinido se define em um labirinto que nos leva a novos percursos, perseguir e ser perseguida em uma pesquisa que nos move e que não pode parar.

Portanto, um percurso que, no meu caso, além de traçar o meu futuro profissional e artístico, também contribuiu para me fazer crescer e me tornar a mulher que sou hoje.

No Teatro de Sombras, não há nada de óbvio, a matéria que se emprega é imaterial, não há como o percurso criativo não passar por uma elaboração filtrada principalmente pelos sentidos e pelas emoções; não ser atravessado pela luz negra para transmitir à plateia o que consegue nos arrancar é apenas um mero exercício técnico ou o desejo de uma aclamação fácil para satisfazer necessidades do ego.

Simple sombras, nada mais [...] Onde está a chave desse mistério? Para dizer a verdade, na magia das sombras. Se a sombra originada em recessos e recantos fosse sumariamente banida, o nicho reverteria de imediato à condição de simples espaço vazio. A genialidade de nossos antepassados escureceu propositalmente um espaço vazio e conferiu ao mundo de sombras que ali se formou profundidade e sutilidade que superam qualquer mural ou peça decorativa³ (TANIZAKI, 2007, p. 34-35).

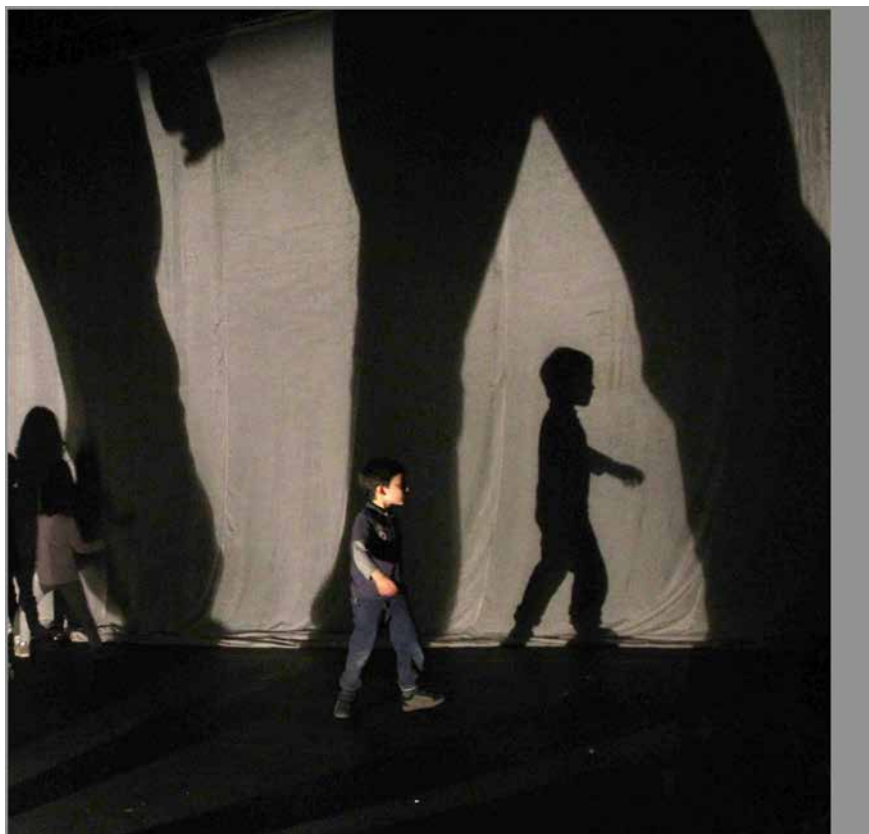
Ao longo dos anos, encarei outros percursos, aprofundei outras linguagens e metodologias, mas, graças ao percurso de formação sobre a sombra, consegui manter, no foco da minha atuação artística e pessoal, o desejo de afastar preconceitos e superestruturas,

³ Referência no original italiano: Tanizaki, J. Libro d'Ombra. Torino: Bompiani, 2009, p. 46. [N.T.]

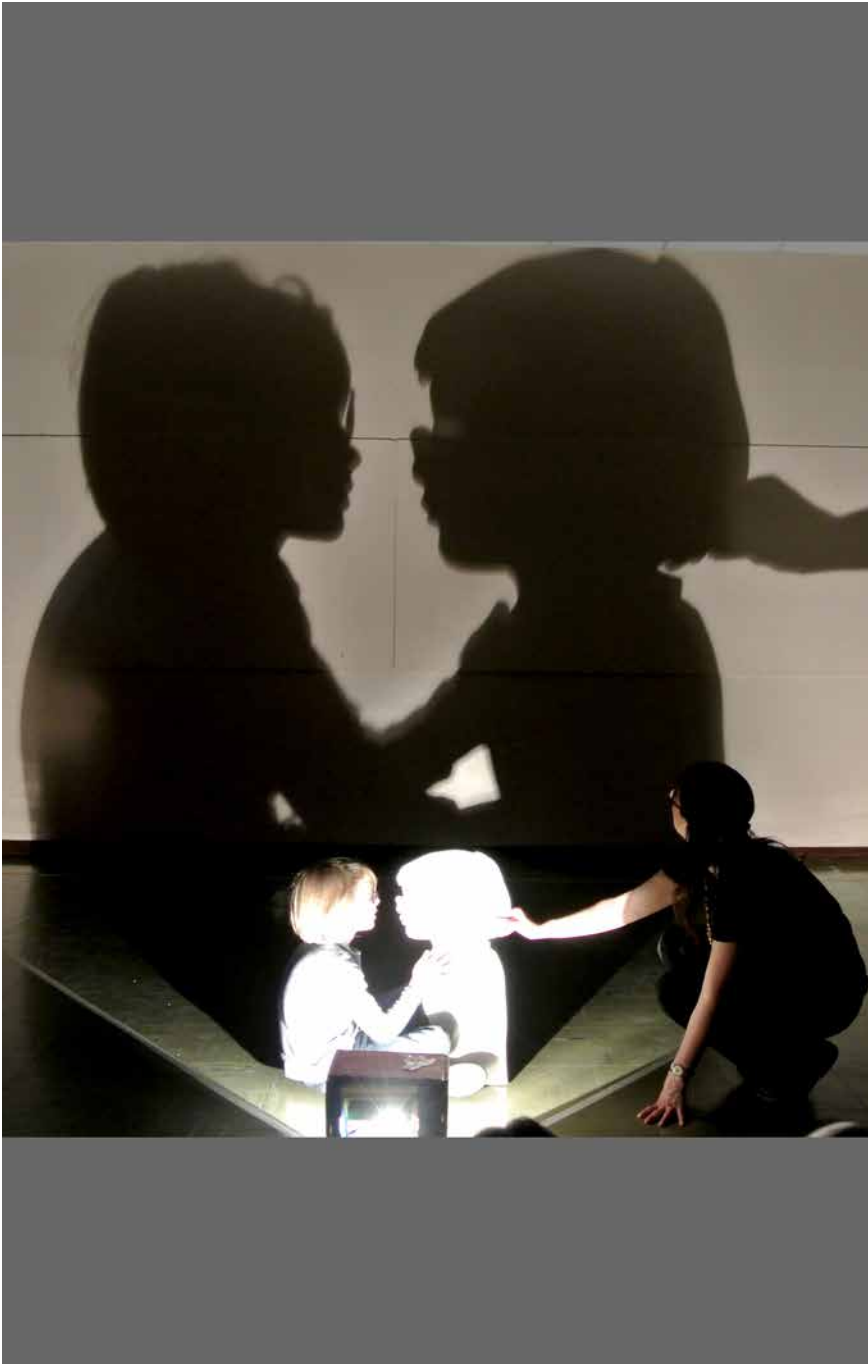
de manter as portas abertas e me deixar atravessar para me projetar em direção ao outro e para acolher, ao mesmo tempo, novas visões.

A sombra é o silêncio que fala conosco, é um vazio cheio de surpresas, é leveza pesada. A sombra é um denominador comum que põe em contato, que une; encontrar a sombra é como voltar às origens, é como sentir-se de novo uma criança livre de condicionamentos e julgamentos, e é nesta condição neutra que o mundo aparece com novos pontos de vista.

Aqui, há espaço para a fantasia, a criatividade e a capacidade de inventar. Através de experiências lúdico-cognitivas, a sombra conduz às estradas do saber, e é brincando seriamente, sentindo prazer no fazer, que a experiência se transforma em conhecimento.



Pequenos encontros à sombra (2013). Teatro Gioco Vita. Foto de Federica Ferrari.



Laboratório de Sombra (2013). Foto de Federica Ferrari.

Há sempre alguma senhora de idade que encara as crianças, fazendo caretas que dão medo e dizendo bobagens com uma linguagem informal cheia de *ciccì cocco* e de *piciupacciù*. Geralmente as crianças olham de modo muito severo essas pessoas que envelheceram em vão; não entendem o que querem e retornam às suas brincadeiras, brincadeiras simples e muito sérias (MUNARI, *apud* BALSAMO, 2010, p. 210).

Os percursos de formação e laboratórios de sombra abrem várias possibilidades de pesquisa e de descoberta, desde o percurso físico-científico ao psicológico-filosófico ou ainda ao aspecto artístico, técnico ou histórico-literário.

A escolha do laboratório leva a conhecer e a aprofundar mais um aspecto do que outro, dependendo do caminho que se quer percorrer ou do lugar aonde se quer chegar.

Um percurso nos moldes científicos abre para discursos sobre projeções, corpos opacos ou transparentes, superfícies translúcidas, etc. Uma perspectiva histórica pode começar da invenção dos meridianos e do relógio solar e chegar à análise da própria sombra e da sombra projetada ou, ainda, ao estudo da sombra em arquitetura e urbanismo; um percurso filosófico-introspectivo irá ajudar o desenvolvimento da autoestima e favorecer a relação com o grupo; uma proposta artística verá a sombra ser preenchida, esvaziada, colorida, virar matéria, participar da arte e das correntes artísticas.

Os caminhos que se abrem, a partir da descoberta da sombra, são infinitos e testemunham o seu poder permeável, carregado de sabedoria, pronto para enriquecer nossa bagagem de conhecimento, principalmente quando a sombra se torna matéria interdisciplinar.

Brincar com a sombra abre canais de comunicação capazes de superar barreiras; a sombra derruba fronteiras tanto nas atividades de formação e nos laboratórios como quando é portadora de histórias e narrativas no teatro.

Em 1999, o Teatro Gioco Vita encenou *Os amigos de Lou Lou*: era o primeiro espetáculo de sombras ao qual eu assistia como espectadora; lembro que foi uma revelação surpreendente, uma



Amigos de Pina vão à escola (2014). Laboratório com o Teatro Gioco Vita. Foto de Prospero Cravedi.



Laboratório de sombras (2013). Trabalho realizado a partir do livro *O pequeno Rei das Flores*, de Kveta Pacovska. Foto de Anusc Castiglioni.

linguagem capaz de despertar emoções e de envolver o público de um modo até então inédito para mim. E, depois, entrar para a companhia, participar da criação dos espetáculos, descobrir a magia das silhuetas e as possibilidades técnicas e expressivas, ver as reações do público, das crianças, dos adultos.

Vêm daí pensamentos e reflexões sobre o teatro, sobre o Teatro de Figuras⁴, sobre teatro para crianças. Partamos de um pressuposto: fazer teatro é fazer teatro. Há alguém na cena e alguém que assiste. Há, de todo modo, dois protagonistas, isto é sempre fundamental. Idealizar um espetáculo e encená-lo significa nunca perder de vista o protagonismo do público que está na sala, seja qual for a sua idade.



Federica Ferrari construindo silhueta para *Peter Pan* (2009). Children Theatre. Foto de Dan Norman.

Conceber um espetáculo para crianças não quer dizer simplificar a encenação, pelo contrário, significa lidar com a dificuldade

⁴ Preferi me manter próxima à expressão original *Teatro di Figura*, nomenclatura usada pelos italianos para o teatro de bonecos contemporâneo, mais conhecido no Brasil como Teatro de Animação ou Teatro de Formas Animadas. [N. T.]

de dirimir as complexidades para chegar a uma síntese que se choque com a necessidade de racionalizar do adulto. Portanto, trazer ao centro novamente a capacidade de abstração típica da infância como modalidade criativa, que permita encarar um texto e uma encenação, filtrando-os através da busca de uma “outra” sensibilidade, além da técnica e dos truques cênicos, que serão necessários somente depois que uma operação interna tiver sido realizada.

O teatro vive de relações diretas, vive no presente, vive de participação, isto é imprescindível, não existe teatro sem isto.

Se nesta relação há uma criança, então o teatro vale o dobro, simplesmente porque ali há o adulto que a acompanha, mas porque há também e, principalmente, o adulto que esta criança um dia será.

Por isso, o teatro deve fugir de simplificações, não deve se adequar a uma contemporaneidade pausteurizada com base em modelos televisivos; cabe ao teatro buscar linguagens e modos expressivos capazes de criar percursos de encontro e de conhecimento úteis para um direito à cidadania não submisso, para “existir na contemporaneidade” e poder expressar a sua função política e social.



Peter Pan (2009). Children Theatre. Foto de Dan Norman.

“Conservar a infância dentro de si por toda a vida significa conservar a curiosidade de conhecer, o prazer de entender, a vontade de comunicar” (MUNARI, *in* BOJANI; ANCONELLI, 1994, p. 56).

O território da sombra tem em si um potencial capaz de estimular e de pôr em prática esses princípios através de uma educação plurisensorial de pesquisa, que derruba as lógicas adultas e solicita as capacidades criativas da criança.

“Uma criança criativa é um adulto mais feliz” (MUNARI, *in* BOJANI; ANCONELLI, 1994, p. 54).

A sombra, o Teatro de Sombras nos dá um senso de realidade que vai além do senso de realidade em si, além do sentido das coisas, dos esquemas preestabelecidos. Se uma criança chora porque está com medo do escuro, é melhor lhe dizer que não há nada no escuro que não exista também quando há luz ou podemos tentar imaginar que talvez no escuro existam fadas?

Em 2012, eu e a colega Paola Camerone decidimos encenar *Tararì Tararera*, do livro de Emanuela Bussolati (2009). Um espetáculo para todos, a partir de dois anos.



Tararì Tararera (2012). Juji Teatro. Direção de Federica Ferrari e Paola Camerone. Foto de Giorgia Vezzani.

Ficamos encantadas com a expressividade das imagens, simples mas eficazes, e com a narrativa para qualquer idade, escrita em uma linguagem especial.

A autora propõe um texto em que as aventuras dos personagens são narradas em uma língua inventada, que parte do estudo da pré-linguagem, dos primeiros sons que as crianças emitem quando entram em contato com o mundo verbal. Depois de termos lido o texto várias vezes, tentando entender as palavras, nos demos conta de que não era necessário nos esforçarmos para entender, que não era possível decifrar aquela linguagem incomum através da compreensão racional.

Recomeçamos a ler, brincando com os sons que acompanham as figuras e, de repente, estávamos participando das aventuras dos protagonistas. Permitimos que o senso de estranhamento, que se sente diante do novo, do desconhecido, não fosse um obstáculo, mas sim o fio condutor de um novo canal de comunicação.



Tararà Taravera (2012). Juji Teatro. Direção de Federica Ferrari e Paola Cameron. Foto de Giorgia Vezzani.

Assim, nasceu o espetáculo *Tararì Tararera*, da vontade de encenar uma história com a qual todos possam se identificar, participando da narrativa através da magia das sombras com uma linguagem nova, embora de origens antigas, capaz de unir histórias e culturas diferentes.

Na concepção do dispositivo cênico, o espectador tem um papel de importância fundamental.

A idade dos pequenos participantes acentua a necessidade de superar a distância entre quem olha e quem faz com delicadeza e atenção. Os pequenos espectadores são acolhidos diretamente na cena para criar um mundo unitário, no qual se assiste ao espetáculo em contato estreito com os personagens da história, instaurando, deste modo, uma relação direta entre fruidor e ator-animador, para não esquecer que fazer teatro quer dizer participação.

Uma floresta os envolve, enquanto, ao seu redor, telas se erguem, luzes se acendem, e as sombras narram histórias.

O olhar do público, assim de perto, segue as vicissitudes dos personagens, enquanto suas emoções flutuam na cena, dando energia aos atores-animadores, mantendo estendido o fio invisível que os liga enquanto o espetáculo dura, lembrando que, no teatro, cada instante é único e irrepetível, que se faz teatro juntos, que teatro é vida.

“Nada acontece sem, primeiro, um sonho” (SANDBURG, *apud* BALSAMO, 2010, p. 306).

REFERÊNCIAS

- BALSAMO, Elena. *Libertà e Amore*. Torino: Il leone verde, 2010.
- BOJANI, Gean Carlo; ANCONELLI, Ivana (orgs.). *Laboratorio giocare con l'arte*: Antonio Masotti per Bruno Munari. Quaderno 8. Faenza: Museo Internazionale delle Ceramiche, 1994.
- BUSSOLATI, Emanuela. *Tararì tararera*: Storia in lingua Pìripù per il puro piacere di raccontare storie ai Pìripù Bibi. Milano: Carthusia edizioni, 2009.

TANIZAKI, Junichiro. *Em louvor da sombra*. Trad. de Leiko Goda. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
_____. *Libro d'Ombra*. Torino: Bompiani, 2009.